

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 9850; Província, 3 meses 2850; Africa Portuguesa, 6 meses 6650; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2359 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA TERÇA FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1925

O actual regime de censura à imprensa é insuportável

O nosso numero de anteontem foi massacrado pela censura. Não houve página onde ela não desse um profundo golpe.

Compreendemos, embora sempre protestemos — porque somos partidários da máxima liberdade de pensamento — a existência da censura num período anormal. Os governos pensam nessas ocasiões de agitação que impedindo a livre expressão do pensamento consolidam o seu poder. E' uma ilusão que ainda não se desfaz. Não compreendemos, porém, a existência da censura neste momento em que os governantes se julgam absolutamente senhores da situação.

Se neste país as empresas jornalísticas soubessem compreender a sua missão estamos convencidos de que a censura já teria terminado. Um movimento de reacção por parte dos jornais fá-la-hia desaparecer rapidamente.

Mas, infelizmente, a imprensa perdeu demasiado o seu brio, o seu decore para abalancar-se à defesa enérgica dos seus direitos. E a sua cobardia corresponde o rigor com que a censura a vem tratando.

Não há sequer inteligência na maneira como a censura se está exercendo. No nosso numero de domingo, por exemplo, censuraram-nos uma local que havíamos transcrito de outro jornal. Por que motivo nos foi coartado um direito que a outrem se tinha concedido? A comissão de censura sabe, estamos certos, responder com clareza a esta pergunta.

O tráfico de crianças só se evitaria eficazmente protegendo as grávidas e os filhos

Os estranhos casos revelados pela Bata sobre o tráfico de crianças vem causando profunda impressão nos nossos leitores.

Verifica-se que a infância necessita de uma protecção efectiva. Em Portugal as crianças que nascem pobres, na miséria, e cujas mães não possuem os recursos bastantes para as manter ficam completamente desamparadas.

As mães, muitas dessas que por falta de meios são forçadas a recolher ao hospital de São José para ali terem as suas deliveries, passado o período do parto, são arremessadas para a rua sem um amparo, com um filho de dias nos braços. Muitas vezes as crianças são produto de faltas que encontram a sua origem na engrenagem iníqua da sociedade burguesa.

Sem dinheiro, sem trabalho, sem protecção, essas mães ficam colocadas na difícil situação de abandonar os filhos ou de vê-los morrer de fome. A Santa Casa da Misericórdia nem sempre pode receber essas pobres crianças. Hoje uma mulher, para obter aquele estabelecimento de assistência em lugar para o seu filho é preciso empregar tantos esforços como para obter um lugar público por concurso.

São estas situações melindrosas e difíceis que, habilitando exploradas, dão origem ao tráfico a que temos feito alusão.

Algumas dessas mães, de adulterados instintos maternais, quasi consideram uma sorte excepcional, a aparição de essas megeras que, com boas palavras, lhes levam os filhos, sabe-se lá para onde...

Succede, por vezes, haver criaturas bem intencionadas que dispendo de meios e não tendo filhos, procuram nessas pobres crianças que a miséria das mães obriga a abandonar uma linda ilusão de maternidade.

Estes casos, porém, são excepcionais. Há tempos succedeu que uns conjuges, ingleses, ricos, indo ao Hospital de São José visitar uma criada que ali recolhera doente, sympathisaram muito com uma criança que naquele hospital vivia protegida pelo pessoal. A criança era orfã e o pessoal hospitalar, por dó, contribuía para a sua manutenção.

Manifestaram os ingleses empenho em levar a criança, visto que não tinham filhos e ela iria ocupar esse lugar. O pessoal tirou primeiramente as necessárias informações e só depois de se certificar da honrabilidade dos ingleses lhes cedeu a rapariga que eles perfilharam. Ficaram assim os seus interesses perfeitamente acatados.

Estas Eufemias, porém, que surgem misteriosamente da sombra, falam, em verdade, segredam, convencem e fundem-se novamente para destruir desconhecidos; estas Eufemias anónimas cujo passado se desconhece, cuja vida é um enigma precisam ser desmascaradas.

E' necessário acabar com essas manobras suspeitas.

Uma mulher, pelo facto de ser mãe, não tem o direito de negociar um filho ou de abandoná-lo sem mais cuidados nos braços uma criatura qualquer que desaparece sem deixar rastros, nem vestígios.

Sabemos que a policia já está tratando do caso. Mas o problema não se resolve com a intervenção da policia — resolve-se amparando essas criaturas sem recursos.

Deve-se dispensar às mães o máximo carinho porque este vai reflectir-se na criança que é um valor social e deve, por isso, ser bem aproveitado em benefício da colectividade.

NOTAS & COMENTARIOS

A questão académica

A questão académica é de uma importância extraordinária. Toda a gente que se interesse pela instrução lhe dedica o melhor do seu cuidado. A Batalha, jornal operário, tem de dedicar-lhe a sua atenção, discutindo-a, apresentando os seus pontos de vista, expondo a sua opinião. Era nossa intenção publicar alguns artigos onde este assunto largamente se debatesse. Desistimos, porém, do nosso intento, porque a censura no-lo não permite — visto que chegou ao cúmulo de, no nosso numero de anteontem, nos proibir a publicação de uma noticia de meia dúzia de linhas sobre o assunto.

Perplexos!

O sr. Alfredo de Sousa Azevedo, director dos Radicais, foi ante-ontem preso, devido à matéria inserida no último numero do seu jornal.

Confessamos que a sua prisão nos deixa perplexos!

A lábia de Tartufo

O Correo da Manhã, quando o general Gomes da Costa atirou sobre Lisboa com as divisões dum exército não tinha um grande empenho na defesa da liberdade de imprensa, por supor que os jornais que lhe são adversos iam pagar caro a sua legitima audácia.

Tal não aconteceu, e ainda por cima, a censura foi um raio que lhe caiu em casa. E' essa a razão por que agora até incita os outros a defender a liberdade. E é por causa destas atitudes velhacas que nós esta-

O capitalismo alemão, ajudado pela finança norte-americana, procura salvar da ruína o estado francês

Os católicos mexicanos mantêm-se em luta aberta com o general Calles, no campo da hegemonia politica

O facto que vamos descrever aos leitores comprova que o patriotismo não é dogma muito rigoroso para os homens da grande finança. O interesse financeiro é para os capitalistas função muito mais urgente e superior do que a pátria, por cujo sacrificio só são obrigados os que nada têm a perder.

Depois desse formidável cachão de odios patrióticos entre alemães e franceses, durante o qual se aniquilaram milhões de vidas inocentes, os capitalistas da Alemanha e da França voltam a harmonizar-se em grandes negócios.

Actualmente, a França debate-se numa crise financeira agudíssima, ao mesmo tempo que a Alemanha se vai refazendo com exito da ruína que cavou durante a guerra.

Nestas circunstâncias, surge uma noticia assombrosa para quem vê a pátria menos que as realidades: o governo alemão ofereceu-se para ajudar o governo francês na estabilização do franco. Realizou-se, há dias, uma conferencia entre o embaixador alemão em Paris, sr. Hoesche, e o sr. Briand, ministro dos negócios estrangeiros franceses. Esta conferencia causou vivo interesse nos meios diplomáticos, politicos e jornalísticos de ambos os países e, até, de alguns países estrangeiros.

Sabe-se, pois, os motivos dessa conferencia. O embaixador Hoesche foi oferecer o auxilio do governo alemão no saneamento financeiro do capitalismo e do estado franceses, contando para isso com o dinheiro que os banqueiros norte-americanos dispensam, em grandes quantias, aos capitalistas alemães. Em compensação, os diplomatas alemães exigem da França uma acatada expectativa na admissão do estado germanico na Sociedade das Nações... europeias, para que, lá dentro, possa reclamar a devolução das colónias.

A manobra diplomatica parece estar dando resultado. O governo alemão tem mostrado notavel frieza às sugestões inglesas, atribuindo-se tal facto a influencias da diplomacia francesa, que não esquece que foi o capitalismo inglês que precipitou o franco.

Em meio desta confusão, os capitalistas de vários países, inimigos de ontem, entender-se hão sem larga polémica; mas não prevemos como os patriotas conseguirão discernir na mesma confusão, aliás, aparente, a idea de uma pátria.

A opposição dos católicos às medidas do ditador Calles

Continua acesa a luta contra o catolicismo no México. A refrega, de parte a parte, é brutal; mas a Igreja continua a ser abandonada de mártires, cujo sacrificio pudessem aureolá-la, e os católicos mexicanos não mostram aquela resignação e força moral dos primeiros cristãos. A luta, afinal, desenvolve-se por critérios de hegemonia politica, como acontece desde que a Igreja deixou de ser uma força espiritual a mover povos e se tornou uma seita politica a delapidar governos.

Não como luta religiosa, mas como luta politica, se devem encerrar os decorrentes acontecimentos no México. As noticias que do México se recebem, mais eficazmente que os protestos das Novidades e as lamurias do Papa e dos bispos, confirmam a nossa asserção, aliás, tão fácil.

Em vários estados daquela República a agitação dos católicos e dos não-católicos é grande. Pretendendo a ordem publica, o governo fez apreender todas as armas e cassar as respectivas licenças, o que demonstra serem bárbaros os ateus, e não o serem menos os crentes. Amen... para absolvição dos operários perseguidos sob as benções dos servos de Deus.

O governo de Calles deu instruções severas aos governadores de estados para que não sejam toleradas nenhuma manifestação externa de qualquer culto, devendo também ser proibidas todas as manifestações politicas, quer de adesão, quer contra o governo.

Os jornais conservadores falam muito de manifestações operárias de apoio ao governo de Calles. Esclareçamos: essas manifestações não são promovidas pela C. G. T. mexicana, sindicalista revolucionária, que perante os acontecimentos tem manifestado uma attitude de indiferença pela sorte dos católicos e pelas medidas do governo; é a Federação Mexicana de Trabalho, oficialmente designada por Confederación Regional Obrera del Mexico (C. R. O. M.), organização reformista e colaboracionista, que se tem aliado ao ditador Calles para fazer a guerra ao sindicalismo revolucionário.

As manifestações reformistas de apoio ao governo foram notabilizadas por incidentes graves, havendo sido feitas cerca de mil prisões. Em vista do acontecido, diversas associações aderiram as manifestações projectadas. Os elementos católicos persistem em ligar a questão económica ao problema religioso, para aguçarem as dificuldades gerais e levarem o governo à capitulação.

E' um recurso dos católicos para que o ditador ceda um pouco, o menos.

História alegre de uma crise financeira

O "Tigre" envia uma carta de amor à América...

PARIS, 9.—A carta aberta do sr. Clemenceau ao presidente Coolidge causou profunda impressão em todos os círculos. Os telegramas recebidos dos Estados Unidos da América do Norte denotam também a profunda impressão ali causada. Os jornais da manha, na sua generalidade, louvaram a attitude do antigo presidente do ministério da união sagrada, lamentando alguns outros os termos em que a carta está redigida e dizendo que o sr. Clemenceau, o autor do Tratado de Versailes, deveria ter regulado o problema das dividas inter-aliadas imediatamente após o armistício.—(L.)

E a gazela americana prega-lhe uma decepção emocionante

NEW YORK, 9.—O presidente Coolidge, que se encontra em Plymouth, respondeu à carta que sobre as dividas de guerra lhe foi dirigida pelo sr. Clemenceau demonstrando que as negociações sobre as dividas francesas estão concluídas, pela parte que interessa aos Estados Unidos.—(L.)

Os parentes reúnem-se em conselho a vêr se evitam a penhora...

PARIS, 9.—O conselho de ministros reuniu-se esta manha, prosseguindo no estudo de economias a fazer no orçamento das despesas gerais do Estado. O conselho deliberou constituir dentro do governo duas co-

O Congresso Pedagógico promovido pela União dos Professores Primários tem decorrido com elevação

Têm sido discutidas teses de grande importância como a "Casa do Professor" e "Educação Física"

No gymnásio da Escola Académica foi inaugurado no domingo o 8.º Congresso Pedagógico, promovido pela União dos Professores Primários do País.

A's 13 horas era já grande a concorrência de congressistas, que aguardavam a chegada do ministro da Instrução para abertura oficial do Congresso.

O ministro chegou cerca das 14 horas, sendo recebido pela comissão executiva do Congresso. Em seguida, assumiu a presidência, convidando para secretários os srs. Marques de Azevedo, [dr. Pacheco de Miranda, dr. Luis Passos, D. Clotilde Monteiro e Joaquim Tomás.

Em nome do professorado primário, falou em primeiro lugar o sr. Faria Artur, que, saudando o Congresso, disse esperar dele trabalho util para a classe.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Carvalho Duarte, que falou em nome do Conselho Federal do Professorado Oficial. Aludiu ao estado de ruína em que se encontra, por esse país fora, a maioria das escolas primárias; falou na miséria do professorado, com pagamentos em atraso, frisando, em resumo, a precária situação dos professores, da qual tem culpa os últimos governos.

O sr. Pedro de Almeida entende que o governo deve acarinhar o professor primário, pois que da sua acção depende o progresso nacional.

Usou por último da palavra o ministro da Instrução que pronunciou um discurso. Terminado o discurso, que foi que foi que foi aplaudido, o ministro inaugurou a exposição de trabalhos escolares, provenientes da maioria das escolas de todo o país, e na qual se encontram obras merecedoras de elogio, desde os desenhos das crianças até aos trabalhos, já perfectos, dos alunos das classes superiores.

A exposição foi muito apreciada e continua franqueada ao publico até final do Congresso.

A casa do professor e os seus objectivos

A primeira sessão, para início dos trabalhos do Congresso, abriu às 16,30, sob a presidência do dr. Luis Passos, director da Escola Normal Primária de Lisboa, que convidou a assembleia para em dia indeterminado ir à Escola de Benfica de visita à exposição de trabalhos dos alunos.

O sr. Acácio Gouveia, do Conselho Federal, fala sobre várias alterações a introduzir no programa do Congresso, por proposta do Conselho Federal a que pertence. Falarão e discutirão vários oradores, sobre a alteração dos nomes que hão de constituir a comissão de verificação de poderes.

O sr. Alves de Oliveira, de Braga, contestou a proposta apresentada, por ela incluir apenas um professor da provincia e dois de Lisboa, que são os srs. Jaime Valente, Manuel da Silva e António Joaquim Reis.

O sr. Raúl Martins protesta em nome do núcleo do professorado de Oliveira do Hospital, que representa, contra as questões que se estavam iniciando os trabalhos do Congresso.

O sr. Manuel Gonçalves, de Alcaçovas, lembra que, à semelhança do que se tem feito nos congressos anteriores, fosse a referida comissão constituída por um delegado do Norte, outro de Lisboa e outro do Sul.

O sr. Valente começou um discurso de defesa do sr. Manuel da Silva. O presidente interveiu para restabelecer a ordem e disciplinar os congressistas, sendo afinal aprovada uma proposta do sr. Rui Monteiro, com os nomes dos srs. Pedro de Almeida, António Joaquim Reis, de Seia, Alvaro Martins, da Chamusca e José Vaz de Figueiredo e Jaime Valente, ambos de Lisboa.

O sr. Osório Gouveia propõe que a comissão de redacção fosse constituída pelos srs. Manuel Azevedo, Manuel Carvalho e D. Vitalina Mendonça Azinheira.

Depois de mais uns momentos de discussões e acclamações, foi iniciada pelo sr. Saturnino Neves a apreciação da tese de carácter social e corporativo, «A Casa do Professor», Cooperativa de Produção, Consumo e Crédito a constituir em Lisboa, ou em qualquer outra capital de distrito, sob a forma de sociedade anónima.

Tem por fim:

- 1.º Aquisição de alojamento próprio para os sócios quando accidentalmente na localidade da sede e sede da União dos Professores Portuguezes;
- 2.º Aquisição ou montagem de uma tipografia onde seja impresso não só o órgão do professorado, mas também livros e cadernos de utilidade escolar;
- 3.º Editar livros e impressos de utilidade escolar por conta própria dos autores seus associados;
- 4.º Servir de Caixa Económica aos sócios, capitalizando-lhes as quantias que depositarem e facultando-lhes empréstimos;
- 5.º Criar escolas de instrução profissional, bibliotecas e outras instituições de reconhecida utilidade para os sócios e propagação dos princípios de previdência social;
- 6.º Unir-se ou federar-se com outras cooperativas congêneres a fim de melhor realizar os seus fins.

Em nome da pátria...

Um soldado está ameaçado de rebentar de fome

Alberto Lopes fez a carreira das armas como cabo de artilharia 3. Tomou parte nas campanhas de Africa onde esteve cinco anos. Arriscou durante esse tempo a sua vida, tendo passado inúmeras privações. Nessas campanhas de Africa adquiriu uma nefrite optica — nefrite optica que serviu de pretexto para a junta o incapaz para o serviço, atirando-o, sem clemência alguma, para a rua.

Alberto Lopes encontra-se a braços com a miséria. Dorme para aí, em qualquer recanto da cidade e não tem que comer.

Pelos regulamentos militares ele já não pode andar fardado. Contudo, não cumpre essa prescrição militar pela simples razão de não ter fado civil, pela simples razão de não possuir sequer uma camisa.

Um soldado está ameaçado de rebentar de fome

Alberto Lopes fez a carreira das armas como cabo de artilharia 3. Tomou parte nas campanhas de Africa onde esteve cinco anos. Arriscou durante esse tempo a sua vida, tendo passado inúmeras privações. Nessas campanhas de Africa adquiriu uma nefrite optica — nefrite optica que serviu de pretexto para a junta o incapaz para o serviço, atirando-o, sem clemência alguma, para a rua.

Alberto Lopes encontra-se a braços com a miséria. Dorme para aí, em qualquer recanto da cidade e não tem que comer.

Pelos regulamentos militares ele já não pode andar fardado. Contudo, não cumpre essa prescrição militar pela simples razão de não ter fado civil, pela simples razão de não possuir sequer uma camisa.

ESPERANTO

O novo curso de verão inaugura-se hoje

O novo curso de verão de que temos vindo falando há tempo inaugura-se hoje, pelas 21,30 horas. A inscrição para este curso reúne já três dezenas de nomes, e é de esperar que durante esta semana muitos novos alunos venham inscrever-se.

As aulas funcionarão às terças e sextas-feiras, às 21,30 horas, e serão dirigidas pelo camarada L. Cruz.

Os alunos pagarão a cota mensal mínima de 2500 e a duração do curso é de aproximadamente três meses.

A sede é na rua do Mundo, 81, 2.º, onde desde já se recebem as inscrições.

CARTA DO PORTO

A farça dos milagres

Deus desampara os seus fiéis servidores com gáudio do demónio...

PORTO, 8.—Aqueles hinos que ainda há pouco se cantaram à piedade miraculante da gruta de Lourdes transformam-se agora em tristes baladas de desespero—e de descrença. Não há nada como a nudez dos factos para nos chamar à realidade.

Aquele mudo, aquele «pequeno da Sé» com o peito combalido pela tuberculose fôra, à custa duma pessoa caridosa e muito crente nos milagres feticismos, também com o rancho fanático a Lourdes.

As rajadas de ar fresco recebidas durante a viagem; a mudança de clima que experimentará durante o longo trajecto, suavizarão-lhe um nadinha as aguras pulmonares.

A passeata religiosa fizera-lhe bem; o pequeno regressara um pouco lenitivo das suas dores. A gente do local cumula a santa de Lourdes de agradecimentos vários. Ah! a santa, sempre é santa. Graças a deus muitas, com ele nenhuma...

Mas como Lourdes não foi capaz de colocar uns órgãos respiratórios novos dentro do arco-íris enfiado do paciente; e como ele voltou para o bairro da Sé onde o pouco ar que existe é melífico, abafado, o doente piorou, está às portas da morte—porque além da terrível enfermidade, luta com a mais extrema penúria...

E lá se vai perdendo por aquela gente da Sé os créditos curandeiros da santa de Lourdes à medida que os jornais, numa lamúria plangente, vão pedindo uma esmola, por amor do deus, para socorrer à ingente miséria do «pequeno da Sé» e de sua pobre mãe que, tendo vivido «outra numa cómoda abundância atravessa agora os dias mais negros e dolorosos da sua vida»...

Aos efeitos derrotistas causados na fé abalada da vizinhança pelos sofrimentos cada vez mais agravados da criança, juntou-se a tragédia sinistra, sangrenta, do desastre que mutilou a irmã do arcebispo-bispo de Vila Real, D. Umbelina Vidal, quando se dirigia à cata de miraculices de Lourdes...

A crônica descritiva da morte horrível da citada irmã do ilustre antistite, ressa que ela ficara com órbitas muito abertas, fitando o «horizonte anilado, como que a procurar Deus»...

Uma criatura do povo, agora quase completamente mergulhada no scepticismo, comentou quando ouviu ler aquela passagem comovente: «Sim, talvez procurasse Deus para lhe pedir que castigue a santa, já que

SALVADOR BARATA, L. DA RUA DAS ORNATAS N.º 10-A e 10-B TELEFONE T. 346

Fabricantes dos Alvaides marca «GAIVOTA» e únicos depositários do «P.O. RODRIGUES»

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS



Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um pic-nic no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Catraieiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gôndola à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verd.

Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraieiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnífico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do continuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

Um incêndio sem consequências

Quando estava soldando a magarico um tubo de zinco, sobre o telhado do Colégio da Luz, um operário comunicou inadvertidamente fogo à palha dos ninhos de pardais construídos no beiral, chegando a pagar ao varejo. Houve alarme, tendo comparecido material e bombeiros dos quartéis 2, 11 e 24, não tendo sido utilizados os serviços, em virtude de o pessoal haver apagado o fogo com os próprios recursos.

Varios desastres

Uma corrida para o chão
No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e seguiu depois para casa, Henrique Rodrigues da Silva, de 40 anos, natural de Lisboa, carpinteiro, rua Oriental do Campo Grande, 126, 2.º E., que caiu de uma bicicleta em Loures, ficando ferido no rosto.

De uma figueira abaixo
No banco do Hospital de São José recebeu curativo, seguindo para casa, Olímpio Pereira, de 27 anos, natural de Lisboa, correio, Quinta dos Peixinhos, a Sapadores e que, na mesma quinta, caiu de uma figueira, ficando ferido na cabeça.

A bordo de um navio
No posto do Calvario foi pensado e seguiu para casa João António, de 18 anos, natural e residente em Olhão e que caiu a bordo de um barco fundeado próximo da Junqueira, ficando ferido na cabeça.

Um calado agressor
No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa, José Lopes, de 23 anos, descarregador, natural de Tomar e residente em Chão de Maçãs e que ali foi agredido com uma paulada na cabeça por Manuel Calado, pelo motivo de tentar impedir que este tocasse, próximo dele, um «harmonium».

ASSINEM Os mistérios do Povo

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Andorinha» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas e Madeira e pelo paquete «António Delírio» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências registadas às 9 e das ordinárias às 11 horas para ambos os paquetes.

Por via Maréla também se expedem malas do correio para a Índia Portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30 horas.

OS QUE MORREM

José Nunes
Vitimado por uma apendicite, faleceu no passado dia 7, no Hospital de São José, o nosso camarada José Nunes, carpinteiro, antigo militante da construção civil e um dos fundadores da Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora e Arredores, onde actualmente desempenhava o cargo de 1.º secretário.

A forma repentina como este camarada foi arrebatado do número dos vivos, causou geral surpresa e profunda mágoa em todos que o conheciam, pois que gozava de grande estima tanto por parte dos que com ele colaboraram nas lides sindicais como fora da organização.

A Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora e Arredores convida os seus componentes e demais camaradas que o possam fazer a acompanharem o funeral que se realiza hoje, pelas 14,30 horas, saindo do préstito fúnebre do Hospital de São José para o cemitério da Ajuda. A Federação da Construção Civil faz-se representar.

Júlio Firmo da Silva
Com 33 anos de idade, faleceu o operário Júlio Firmo da Silva, irmão de Henrique Firmo da Silva, militante metalúrgico; de Alvaro Firmo da Silva, maquinista na marinha mercante; e de Joaquim Firmo da Silva, carpinteiro de moldes. Espera-se efectuar o funeral na próxima quinta-feira, se estiverem feitas certas formalidades, saindo da rua da Cruz, a Alcantara, 213, rez-d-chão, para o cemitério da Ajuda.

INSTRUÇÃO

Estão em férias os alunos da Escola móvel oficial da rua do Possolo, que com grande êxito fizeram os seus exames de passagem, obtendo os melhores valores. Já se encontram abertas as novas matrículas; das 21 às 0 horas de todos os dias na rua do Possolo, 5 a 9, Gabinete da Direcção, onde se prestam todos os esclarecimentos.

TEATRO AVENIDA HOJE

Telef. R. 4356

O FAMOSO Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

Sacco e Vanzetti

Os sindicatos dos manipuladores de pão e dos empregados de hotéis e restaurantes de Coimbra oficiaram ao ministro da América do Norte, em Lisboa, protestando contra a confirmação da sentença que condenou à morte Sacco e Vanzetti, reclamando a libertação destes dois camaradas.

ESPERANTA ANGULO N.º 5

Redaktata sub la gvidado de la laborista esperantista societo "Nova Vojo"

PELA COMPARAÇÃO

se demonstra a vantagem que a língua Esperanto tem sobre as linguas naturais.

O ARTIGO

Agora, que já conhecemos qual a facilidade na pronúncia do Esperanto, vamos entrar na parte gramatical. Da sua comparação com a gramática portuguesa vai ressaltar mais uma vez a evidência do que afirmo, e, se com isso conseguir interessar os incrédulos, terei prestado um ótimo serviço à causa do Esperanto.

Para traduzir os quatro artigos definidos portugueses o, a, os, as, temos em Esperanto la, la, la, la, o único artigo existente.

Para exemplo, apresento as seguintes palavras:

o livro	la libro
os rapazes	la knaboj
a porta	la pordo
as paredes	la muroj

Uma das dificuldades das linguas naturais é o decorar o género das palavras. Aqueles que estudam linguas estrangeiras decerto já se apresentaram o problema difícil de escolher o artigo relativo a um certo vocabulo. Foi em Esperanto, pela ausência de pluralidade de artigos, tal dificuldade não existe. Queremos dizer, por exemplo, «as lindas árvores»? O artigo, que é só la, não apresenta dificuldade; e assim, traduzimos: la belaj arboj.

Os artigos indefinidos portugueses um, uma, uns, umas não se traduzem para Esperanto. Portanto: umas casas traduzir-se-á assim: domoj; um artigo compreensivo, komprenebla artikolo; aqui está uma boa acção, jen estas bona ago, etc.

Poderá parecer que a ausência de artigo indefinido conduzirá a falta de precisão no sentido das frases. A's pessoas que tal pensarem direi que há povos na Europa em que o uso de artigos, tanto definidos como indefinidos, é desconhecido, e que apesar disso não deixam de se entender.

As palavras a, ao, as, aos e da, do, das, dos, que mais não são do que as preposições a e de contraias com os artigos definidos, e dum, duma, duns, dumas (preposição de e artigos indefinidos) traduzem-se assim:

a, ao, as, aos	= al la
da, do, das, dos	= de la
duma, duma, duns, dumas	= de

Para finalizar este curto capítulo direi que o artigo la tem a facilidade de se poder usar P nas poesias e depois duma preposição terminada em vogal: da P, tra P.

C. J.

Importantes serviços do Esperanto

Primeiro facto

Durante a guerra civil perdi dois irmãos. Todos os meus esforços para os encontrar foram vão.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Monchique

Descarada roubalheira dum industrial

MONCHIQUE, 5.—Ultrapassa os limites do banditismo a maneira como uma sobra, que aqui existe e dá pelo nome de Joaquim Rosa Nunes (é maior o nome do que a pessoa), mais conhecido pelo «Chão», está explorando os operários que têm a infelicidade de angariar a pão de cada dia na sua roça. Tem este indivíduo uma fábrica de cortiça, aonde paga aos homens do tráfego e caldeira, a bagatela de 8\$75 por dia que eles não vêem senão de dois em dois meses, pois fez pagamento no dia oito de junho p. p. e até à data ainda se não dignou ao menos dizer quando o fará outra vez.

Para melhor explorar os seus escravos, montou uma loja e merceria aonde vende os artigos por mais preço e avariados, não podendo os operários recusar-se a ir lá comprá-los, em virtude de não terem dinheiro para ir comprá-los a outra parte. Ainda há dias, aconteceu que um operário que aqui trabalha e tem a família em Silves (com muitos outros), teve notícia que um seu filho estava doente. E' claro que não devia ir a casa sem levar com que mitigar a fome aos seus e pagar os medicamentos.

Foi ter com o patrão, e qual não é o seu espanto ao ouvi-lo replicar: «não tenho dinheiro», quando o operário viu que o patrão acabava de pagar uma letra e guardava 100\$00 na carteira, ao passo que devendo-lhe 400\$00 pelo seu esforço cotidiano, nem um centavo lhe pagou.

Em parte quem tem a culpa deste estado de coisas, são os próprios operários, pois são tão inconscientes, que quando alguém lhes fala em sindicarem-se, olham logo em volta receosos, não ouça alguém que vá contar ao patrão.

Os de Silves eram sócios em Silves, pois quando para aqui vieram deixaram de o ser, talvez para fazer a boca doce ao patrão que não se importa que morram de fome.

Organizem-se e verão o gatinho do patrão tratá-los como merecem, fazendo-lhes as férias todas as semanas e não roubando como rouba—nos géneros avariados, ainda fazendo negócio com o vosso dinheiro.—(Especial).

Muge

A exploração dos rurais na casa Cadaval

MUGE, 8.—Os rurais estão lutando com a mais crua miséria visto não poderem subsistir nem alimentar suas famílias com o irrisório salário de sete escudos, tanto mais que a carestia da vida tem-se ultimamente agravado bastante: oazeite está a ser vendido pela exorbitante quantia de 8\$00, o pão a 2\$00, e os 14 litros de milho a 15 escudos.

As mulheres que trabalham no campo estão recebendo em troca do seu esforço exaustivo um salário de 3 escudos, o que além de ser irrisório constitui uma afronta à dignidade humana.

Caldas da Rainha

Higiene... por capricho

CALDAS, 8.—Existe aqui uma camionete para serviço das regas que foi adquirida pela comissão de iniciativa, à sombra da receita das taxas de turismo.

Sucedo, porém, que a camionete só percorre certas ruas—as ruas onde moram as pessoas de maior influência, as outras ruas, pelo visto, não são dignas de ser regadas. Outras ruas há em que a camionete só rega metade—a metade das ruas onde moram as pessoas simpáticas.

Isto de sacrificar a higiene desta vila a um capricho, merece o nosso mais veemente protesto. As Caldas precisam de ter higiene a valer e não pelo conta-gotas da amizade e da influência.

Não é só no que respeita às regas. Há ruas que são bem tratadas e há outras que parece não existirem, visto deixarem-nas ao abandono, indiferentes ao estado vergonhoso em que elas se encontram.

Veraneantes

Têm chegado a esta vila nestes últimos dias bastantes pessoas que vem aqui deixar o seu dinheiro, uns para tratarem dos seus padecimentos, outros matar saudades junto ao pano verde da batota.

Os batoteiros esfregam as mãos, radiantes, tanto mais que, segundo parece, estão autorizados devidamente a exercer a sua «indústria» mediante o pagamento duma certa quantia que será destinada à musica que tocará no Parque durante toda a época.

Foz do Arelho

Honrai a pátria...

FOZ DO ARELHO, 8.—Nesta praia vive um desgraçado que foi em 1914 soldado no regimento de infantaria 5. Durante o tempo em que foi soldado cegou e ficou completamente surdo. Pois para maior desgraça sua é obrigado ao pagamento da taxa militar na importância de 28\$70.

O ex-soldado vive pobremente e é sustentado por esmolas—esmolas que são também para manter seu pobre pai que é uma criatura bastante idosa e que está completamente inutilizado. Como pode este desgraçado pagar a taxa militar?

Fomos informados de que este infeliz, que ainda possui uma courela de terreno que lhe foi deixada por sua mãe, a vai vender devido a não ter pago a taxa militar.

E' esta a maneira como o Estado trata aqueles que o servem. Não haverá nestas paragens quem possua um pouco de coragem e salve este desgraçado das garras aduncas do Estado?

TIVOLI TELEFONE N. 5474

Salambô

Reconstituição cinematográfica da obra prima de FLAUBERT. Novas partes. Os principais papeis por JEANNE DE BALZAC e ROLLA NORMAN. Encenação de PIERRE MARODON.

O ILHEU DAS PEROLAS

Film de aventuras em seis partes com MARY MAC LAREN

Revista mundial

O primeiro desastre na linha eléctrica de Cascais

Um rapaz, que aparenta ter 12 anos, e cuja identidade ainda se desconhece, quando ontem, atravessava a «passerelle» em Pedrouços, tocou por qualquer forma no fio condutor de electricidade da nova instalação da linha de Cascais, que passa por sob a mesma «passerelle» resultando-lhe ser atingido por um violento choque de alta tensão. Conduziu imediatamente ao Hospital de S. José, chegou ali já morto, pelo que, depois de verificado o óbito, no Banco, foi o cadáver removido para a Morgue.

Cremos ser este o primeiro desastre na linha eléctrica de Cascais. Infelizmente, um desastre sem reparação possível, pelo que consideramos justo que se tomem as necessárias e urgentes medidas de segurança, para que o espírito público se não impressione com a notícia de novo desastre.

Estas nossas palavras não as consideramos destruídas pelo comunicado que a Sociedade Estoril nos enviou, e a seguir publicamos, pois numa obra em que haja perigo público tudo se deve prever:

«Para conhecimento da digna redacção desse jornal e a fim de evitar a propagação de notícias exageradas e inexactas sobre o assunto, informo v. de que o acidente de que hoje foi vítima um indivíduo na «passerelle» de Pedrouços não tem a mínima relação com qualquer falta de segurança de instalação eléctrica executada pela Sociedade Estoril na linha de Cascais, devendo-se apenas à circunstância de ter sido roubada durante a noite uma das tabuas do piso dessa «passerelle» e o referido indivíduo se ter sentado com as pernas metidas no intervalo assim produzido, indo apoiar os pés num dos fios condutores de energia eléctrica.—O Engenheiro Director, M. Melo».

Caixeiros de praça

Necessitando o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, sito no Largo de S. Domingos, 11-J-2, de satisfazer um pedido para colocação de dois caixeiros de praça, e não se achando nas suas listas de desempregados, elementos desta especialidade, convidam-se os sócios ou não sócios que se acharem nestas condições, a passar hoje, pelas 21,30, pela sede, a fim de serem colocados.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h.—Noite às 9,15 h.

Ultimas réclitas da interessante bailarina espanhola

Pilar Calvo

ESTREIA DAS ARTISTAS:

The Golden Stars

e

Mademoiselle Myria

Esplendidas e artisticas espectaculos

TEATRO AVENIDA HOJE

Telef. R. 4356

O FAMOSO Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

Sacco e Vanzetti

Os sindicatos dos manipuladores de pão e dos empregados de hotéis e restaurantes de Coimbra oficiaram ao ministro da América do Norte, em Lisboa, protestando contra a confirmação da sentença que condenou à morte Sacco e Vanzetti, reclamando a libertação destes dois camaradas.

TEATRO NACIONAL HOJE

COMPANHIA Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de Lucien Népote, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entrecho

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista:

Ilda Stichini

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo D. Solidariedade Operária
Reine-se hoje, pelas 21 horas, a direcção, juntamente com os membros do Conselho Fiscal, para assunto urgente e irrevogável.

Grupo Dramático de Belem
Continua aberta a inscrição para o pic-nic na quinta do Sales, em Outureira.

Excursões
Promovida pela direcção da Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia de Santo Amaro, realiza-se no dia 12 de Setembro próximo uma grandiosa excursão a Sintra em comboio especial, com embarque às 7,30 da manhã, em Alcantara terra, ao preço de oito escudos, ida e volta.

O Grupo Excursionista União de Vila Rica, atendendo às grandes vantagens concedidas aos excursionistas, participa a todas as pessoas que desejem tomar parte nesta excursão, que parte de Lisboa, no dia 19 do corrente, o devem participar à sua sede, calçada de Arroios, 39, 2.º E., até ao próximo dia 10.



NAS OFICINAS DA C. P.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

CARTA DE COIMBRA

UMA INFAMIA

Recorda-se um facto que originou a morte repentina de um contra-mestre da oficina de pintura

Afirmamos há dias que os factos de maior gravidade — conquanto já tenhamos relatado alguns de muita importância — ainda não tinham vindo à luz do dia. Iniciamos a sua descrição, pode dizer-se, com o caso passado na oficina dos estofo.

A sua leitura indignou toda a gente de senso e sentimentos. Ela veio revelar publicamente uma tão grande injustiça, que até o pessoal superior doutros serviços da Companhia comentaram acerbamente o abominável gesto, que poderá considerar-se um dos piores, cometidos pela sinistra figura do engenheiro Sequeira.

Mas há muitos mais casos revoltantes. Todos eles trazem maldade. Operários há que, com 25 e 30 anos de casa, demittidos inesperadamente, vêm-se na contingência de seguir para as terras das suas naturalidades, onde se dedicam a qualquer mister, visto a grande crise de trabalho que lava desde há tempos não permitir que se coloquem noutra oficina.

Este facto não só se dá pelo motivo atrás apontado, como pelo abatimento moral produzido em cada um dos alvejados, que no declínio da vida assim são atirados à miséria.

Um operário dos atingidos conhecemos nós, cujo sofrimento moral lhe provocou profunda doença, que lhe abreviava certamente a existência.

Já se registou até um caso fatal. Descrevê-lo torna-se para nós bastante doloroso, como para todos quantos dele guardam viva lembrança e o recordam num misto de tristeza e revolta. Ficou gravado na memória de todo o pessoal e dificilmente se pode esquecer. Infelizmente não soube este marcar uma atitude que patenteasse energicamente o seu estado de espírito perante uma grande afronta.

A vítima era criatura respeitável e muito estimada pelo ferroviários.

Era o contra-mestre da secção de pintura João Machado. Vivia admiravelmente com o pessoal, decorrendo o serviço na melhor ordem. Deveria ter uns 35 anos de casa, sempre considerado por todos os engenheiros que anteriormente dirigiram as referidas oficinas.

O seu temperamento não podia suportar a permanente opressão sobre os operários da sua secção.

Assediado constantemente pelo engenheiro, que lhe mortificava a alma com recomendações violentas e exageradas, por vezes repreendendo injustamente, por não proceder rapidamente para com os operários, tudo o ia minando, enfraquecendo-lhe o espírito até ao completo aniquilamento.

Erão continuas as advertências, as ameaças sucediam-se e ele apresentando serenidade, sentia fugir-lhe as forças para enfrentar tal situação. A sua consciência de operário honesto e trabalhador, amigo dos seus camaradas, ferido por seguidos golpes, sangrava continuamente e muitos já previam um fatal acontecimento.

Os factos o vieram confirmar mais tarde. Certo dia, em presença dum castigo aplicado a dois operários da sua secção, por uma falta que poderia considerar-se insignificante, castigo que feriu sobremaneira o seu sentimento de justiça e até mesmo o de dignidade do cargo que ocupava, dirigiu-se ao engenheiro e solicitou a anulação daquelle.

Foi asperamente censurado pelo seu procedimento. Não desistiu, porém. Acima do respeito e da disciplina, estava a verdade e a razão. Existia também o seu sentimento. Persistiu no pedido formulado. Aduziu razões lógicas, aceitáveis e atendíveis. Nada moveu o tirano. Pelo contrário, foi novamente increpado e ameaçado.

Nesse momento analisou tudo. Não havia dentro desse corpo, que deambulava diariamente pelas oficinas fora, nenhuma ânsia de fazer sangue; dentro do peito desse engenheiro, requiesceu algum de sentimento de bondade; só rancor lá se encontrava.

O pobre Machado não pôde resistir mais. A sua apreensão tornou-se mais aguda. Sentiu enfraquecer os músculos. Pelo seu cérebro, numa vertiginosa carreira, numa remiscência rápida, passaram uma a uma, todas as vítimas imoladas ao opressor. A vista fugiu-lhe lentamente. As pernas vergavam-se-lhe: sentiu-se incomodado da saúde.

Erão os malditos sintomas. Fora acometido duma congestão que o prostrou para sempre, roubando ao carinho da família e à amizade dos seus camaradas das oficinas, onde deixou pedaços da sua alma torturada. Morreu este homem defendendo a verdade, pugnando pelos direitos dos explorados.

Para o engenheiro tudo o que se passou foi um caso banal. Um incorporamento insincero e insultuoso no funeral, foi o suficiente para a sua consciência de tirano.

Preocupação? Remorso? Para quê! Não está no seu amago... E nada mais!

O quadro aí fica traçado com as devidas cores. São já decorridos três anos, mas quantas vezes ele é falado pelos que o sentiram profundamente!

Mas o resto? O pessoal, a sua atitude? Um enigma!

A situação da imprensa

A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa tomou a iniciativa de convocar uma reunião magna de jornalistas, a fim de serem apreciados os seguintes assuntos:

Prejuízos que a aplicação da nova lei traz aos profissionais do jornalismo; inconvenientes da censura à imprensa e desvantagens da arbitrária suspensão de jornais.

A reunião foi autorizada pela autoridade militar para amanhã, pelas 16 e 30, na sede do Sindicato, rua do Loreto, 13, 2.º.

—A direcção da Associação de Classificação de Vendedores de Jornais procurou ontem a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, oferecendo-lhe toda a sua solidariedade no movimento a empreender, para obviar aos prejuízos que lhes traz a lei de imprensa e a censura prévia, tal como está sendo feita.

A indústria têxtil espanhola sofre uma grave crise de competência

A indústria têxtil espanhola, que tem os seus grandes centros na Catalunha e nas ilhas do Mediterrâneo, está sofrendo, há longos meses, uma forte crise de mercados. Como suceder por toda a parte, os industriais procuram salvar-se da crise com o sacrifício do operariado, em vez de limitarem um pouco os seus lucros.

Assim, estão empregando esforços no sentido de prolongamento da jornada de trabalho. Os trabalhadores, porém, opõem-se com energia às tentativas do patronato, sabendo que o motivo único da crise se encontra na deficiência técnica dos industriais, cujo atraso é tal que julgam ter modernizado a indústria com a aquisição ao estrangeiro de máquinas usadas.

Em Espanha, o operariado está brutalmente impedido de defender os seus interesses. Só os socialistas têm podido reunir sem grandes embaraços, e usando da benevolência que o governo lhes dispensa em troca da sua inutilidade, os socialistas reeleitos na celebrada União Geral dos Trabalhadores, promoveram a reunião de uma conferência da indústria têxtil para o fim de julho, a fim de se estudar a forma de se manter o regime de oito horas de trabalho e de se fundar uma federação nacional dos operários da indústria.

Não sabemos, ainda, a que resultados chegou essa conferência; mas sabemos, em compensação, que em nada se modificou o actual estado de cousas.

LUTA DE CLASSES

A crise de trabalho na construção civil

A comissão delegada do Sindicato Único da Construção Civil procurou ontem falar com o ministro do Comércio, a fim de conseguir que seja dada ordem para a abertura das obras dos monumentos nacionais, para as quais já existe verba, faltando apenas o despacho do titular da referida pasta. Foi a comissão recebida pelo ministro resolver o assunto. Por este motivo, a comissão vai hoje procurar avistar-se com o arquitecto L. Couto, a fim de conseguir a admissão, naquelas obras, de inúmeros operários sem trabalho.

Empregados no Comércio e Indústria

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa apreciou devidamente uma entrevista publicada num jornal da manhã sobre o horário de trabalho e em que um dos directores da Associação dos Lojistas faz apreciações disparatadas sobre o mesmo. O sindicato vai apreciar a súmula desse agregado de asneiras, procurando dar-lhe uma resposta correcta.

A vingança do gerente duma fábrica de cortiça

Quando a Associação dos Corticeiros de Almada editou um manifesto à classe corticeira deste concelho, escandalizando a incompetência administrativa de João Rio, gerente da fábrica Corticeiros, fê-lo baseado em factos que são bem conhecidos. Devido a esse manifesto foram proibidos de entrar na fábrica os operários que se encontram suspensos por motivo de haver falta de cortiça, não lhes sendo autorizado sequer que afluíssem as suas ferramentas ao rebóia a vapor. O referido gerente preveniu a guarda da fábrica para que não deixasse lá entrar os referidos operários. Tudo isso foi motivado pela irritação que lhe causou o manifesto onde era exuberantemente provada a sua incompetência.

Caixeiros de Coimbra

COIMBRA, 8.—Na chasse dos caixeiros desta cidade lava grande indignação contra o atentado premeditado pelas "forças vivas" contra as 8 horas de trabalho. A direcção do Ateneu Comercial de Coimbra enviou já ao ministro do Interior um telegrama protestando contra a projectada modificação do horário de trabalho.

Vai realizar-se brevemente uma reunião magna da classe para tomar resoluções sobre este magno assunto.

Uma greve de ferroviários cubanos

HAVANA.—Os caminhos de ferro de Cuba acham-se na posse de duas companhias americanas: a «Cuban Company» e a «Wells Fargo». Os ferroviários possuem uma organização, em que os reformistas dominam, sob o nome incaracterístico de «Hermandad Ferroviária», aderente à Federação Americana do Trabalho, que não serve os interesses do capitalismo, esboçando-se agora por obter das companhias um desses contratos colectivos que agradam imenso ao patronato.

As companhias, porém, negaram-se a reconhecer qualquer contrato colectivo e a organização reformista achou melhor pedir a intervenção do governo. E o governo achou melhor não intervir, pretextando neutralidade, forçando a declaração de greve, em meados de maio.

Subitaneamente, o governo safou da sua «neutralidade» e colocou-se ao lado das companhias. Logo, foi suspenso o *Heraldo Ferroviário*, órgão dos grevistas, e foram capturados vários dirigentes, assim como inúmeros operários. Em fins de junho, o governo continuava reprimindo a greve, com actos de violência, mas os dirigentes ferroviários andam muito preocupados com as próximas eleições, ao mesmo tempo que a greve declina.

Num porto francês

CHERBOURG, 8.—Os trabalhadores das docas declararam-se em greve, sendo os cais ocupados pela policia. —(L.)

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$30
A peste religiosa... \$40
A Liberdade... \$50
A Internacional (música e letra)... \$30
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Novas referências aos escândalos cometidos no Hospital da Universidade

COIMBRA, 6.—As referências que fizemos há dias sobre um escândalo passado no hospital da Universidade, produziu uma certa sensação, a pesar do caso ser já bastante conhecido. Uma grande parte do público está de acordo com as nossas considerações, achando-as justas e oportunas, pois está sobejamente demonstrado que os hospitais necessitam duma larga remodelação nos seus serviços internos, de maneira a satisfazer melhor as necessidades do público.

O povo tem ainda hoje um instintivo receio de recolher, quando doente, ao hospital, receio aliás justificável se atendermos a casos anormalíssimos que por ali se passam. Quem uma vez ali é internado não tem vontade de par lá voltar.

As queixas e os clamores dos doentes são continuos. Uns, como os internados nas enfermarias dos leprosos, vêm até à imprensa concretizar as suas reclamações. Outros, coitados, com receio de serem mais prejudicados, limitam-se a fazer as suas lamentações aos conhecidos e amigos, não tendo coragem, muitas das vezes, a manterem as suas queixas em frente dos médicos ou dos empregados.

O que é necessário que se diga, também, é que os doentes queixam-se com frequência do pessoal de enfermagem, pela sua falta de atenção para com o doente e por mais tratos frequentes.

Isto é lamentável é que se diga; mas mais lamentável é que se dê, já mais tratando-se de pessoal recrutado na parte já um pouco mais instruída do povo, e que tem a estrita obrigação de ser cumpridor dos seus deveres de humanidade para com os doentes.

Nós sabemos que grande parte dos indivíduos que ingressam nos serviços hospitalares não são movidos pelo desejo altruísta de servir o seu semelhante. Vão praticar para enfermeiro, como podiam ir praticar para pedreiro, ou cousa semelhante, e é natural que isto assim seja, pela necessidade que todos temos de lutar pela vida. Mas uma vez ali, é do mais elementar dever que o indivíduo se comprometa da missão que tem a cumprir, que é bela e nobre — tratar os que tiveram a infelicidade de perder a saúde.

Infelizmente não sucede assim, na sua grande parte. Ali, nos hospitais da Universidade, apenas preside o espírito de ganância. Os doentes mais bem tratados são os que podem pagar bem os serviços prestados. Doente que seja absolutamente pobre, já sabe que fica condenado ao ostracismo.

Para que se avalie do desinteresse que move alguns empregados, vamos relatar um facto que por si só é um sintoma.

No hospital prolifera com abundância uma espécie de aves agourentas conhecidas pelos *corujas*. São os empregados de agências funerárias, que andam farejando os doentes mais graves, para se oferecerem para tratar do funeral dos que falecerem.

As reclamações dos ferroviários do Sul e Sueste

A comissão delegada dos ferroviários do Sul e Sueste elaborou uma mensagem a entregar ao ministro do Comércio. Nessa mensagem, que já publicamos integralmente, faz-se uma longa exposição das reclamações que a referida classe apresenta. A fim de comprovar a veracidade das assinaturas que firmavam a mensagem, a comissão delegada do Sul e Sueste recorreu a uma comissão verificadora, composta das seguintes pessoas: Crispim Alfredo Alves, tenente da Armada e delegado do governo no concelho do Barreiro; Alfredo Figueiras, oficial ajudante do Registo Civil e correspondente do *Século* no Barreiro; e Manuel Preto Chagas, notário no mencionado concelho. Esta comissão lavrou o seguinte auto:

«Aos quatro dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e vinte e seis, nesta vila do Barreiro e Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se reuniram os abaixo assinados, a convite da Comissão Delegada dos Ferroviários do Sul e Sueste, para com entidades estranhas à classe ferroviária servirem de Comissão Verificadora do número de assinaturas que contém as listas assinadas pelos empregados ferroviários do Sul e Sueste, que se acham identificados com a mensagem firmada pela dita Comissão Delegada dos Ferroviários do Sul e Sueste e publicada em manifesto em julho próximo findo, sobre o inquérito feito aos actos dos engenheiros, srs. Pinto Teixeira, Plínio Silva e José de Jesus Pires e em parte também referentes a outras reclamações da classe, visto essa mensagem de que os signatários das citadas listas tiveram prévio conhecimento, traduzir o seu sentir e conter os desejos que os animam nessa questão. Passando, pois, a examinar as listas que em número de duzentas e duas nos foram apresentadas, verificamos que contém três mil duzentas e oitenta e seis assinaturas. Foram-nos também apresentadas mais trezentas e setenta e nove declarações, as quais são, cada uma delas assinadas a rogo de cada um dos declarantes, na presença de duas testemunhas, representando portanto trezentos e setenta e nove signatários rogantes. Por ser verdade e nos ter sido solicitado declararmos sob nossa palavra de honra a existência de aquela quantidade de listas e assinaturas e para firmeza de tudo «digo» firmeza do que, como Comissão Verificadora, vamos assinar esta declaração em duplicado (aa) Crispim Alfredo Alves, Alfredo Figueiras, Manuel Preto Chagas.

E a dona da casa, atemorizada, ou cúmplice do sr. Durão, ante a resistência da pobre senhora, esperou a ausência desta e fechou-lhe a casa, embargando implicitamente, mas arbitrariamente, a mobilidade, deixando mãe e filha, sem recursos, em plena rua.

Surgiu, então, uma nova ordem, igualmente escrita e autenticada, do sr. Alberto Xavier, director geral da fazenda pública, a que pertence o edificio das Trinas, impondo — digamos que legitimamente — o reingresso de D. Isaura Pinheiro e sua filha na casa de que fora expulsa, dando o prazo de 8 dias para o cumprimento desta ordem, cuja desobediência seria castigada com expulsão.

Cessou o prazo, e as duas vítimas não só não foram atendidas em sua justiça, como se surpreenderam com uma ordem de um tal sr. Aníbal de Vasconcelos, cuja qualidade desconhecemos, mas de quem nos afirmam não ser pessoa competente para funções superiores à de um director geral, mesmo da categoria do sr. Alberto Xavier; essa ordem prescrevia, em linguagem de regedor, a expulsão definitiva de D. Isaura Pinheiro, sua filha e sua comadre, não falando de sua mobilidade e mais haveres.

Venceu o sr. Durão, desde que encontrou no edificio das Trinas um ignorado ditador ansioso de glória e odiando todos os sentimentos de justiça e de humanidade. Que sordida companhia para o desalojamento de duas mulheres e uma criança!

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Pregão 1800; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias.

Um honesto trabalhador falsamente acusado de «legionário vermelho»

A prisão de José Agostinho das Neves obedece a uma torpe vingança da reacção leiriense

Como A Batalha já noticiou, foram presos em Leiria, por, segundo se diz, terem editado um manifesto trazendo a público as ignóbeis baixas cometidas pelo policia daquela cidade Matias Lopes da Silva, os operários José Agostinho Neves e Domingos da Conceição Felizardo.

Já de há muito que a reacção leiriense não via com bons olhos aqueles dois camaradas, especialmente o primeiro destes, dada a ingente e audaz propaganda do ideal libertário que ali se tem desenvolvido, e mu principalmente depois da fundação do grupo anarquista «A Flama».

Não obstante a publicação do citado manifesto, que continha verdades e esmagadoras acusações contra esse abjecto policia que dá pelo nome de Matias Lopes da Silva, e cuja redacção é atribuída aos camaradas referidos, não foi esse o nefando pretexto para a captura dos aludidos camaradas. E não foi esse o motivo porque de forma alguma o podia ser, visto que todos os crimes nele inseridos e atribuídos ao Matias Lopes eram tão verosímeis, tão incontrovertíveis e irrefutáveis que não têm uma contestação plausível, concreta e insofismável.

Mas, para satisfação da burguesia leiriense, era necessário prender aqueles camaradas. Por isso, de há algum tempo a esta parte, a reacção daquela cidade maquinava na sombra seus tenebrosos planos, a fim de eliminar de vez um adversário leal, destemido e sincero, mas que a não deixava ruminar, tão descansadamente como desejava, os opiparos manjares.

E eis que o ignominioso trama foi posto em prática, surtindo o efeito almejado: — os janizários da policia, com a farpa enlaçada de antemão, passaram uma busca à casa do camarada Neves, farejando por todos os cantos da casa em demanda de bombas, pistolas, metralhadoras e explosivos, visto estarem em casa dum anarquista, dum *agradador perigoso*, que os fustigava com verdades amargas e por suporem que as habitações destes homens eram arsenais de guerra. E, como os agentes policiaes são dotados dum furo tão perspicaz, apenas encontraram no sinistro «arsenal» uma pistola *Savage* que levaram occultamente na algebeira para, caso não descobrissem nada em casa daquele camarada que, porventura, o podesse comprometer, arremessarem com elle, por aquella abjecta forma, para o fundo duma masmorra.

O odioso plano estava consumado; e para que o «perigoso» anarquista não se escapulisse era necessário entregá-lo às autoridades militares para que o julgassem sumariamente em conselho de guerra por um crime que já mais cometera e foi o que se fez, a pesar-da prisão daqueles dois camaradas, dos quais apenas se encontra detido o camarada Neves e do que eu tive conhecimento por intermédio de uma informação directa que de Leiria recebi, a burguesia local tem feito em torno do caso uma especulação infame e cobarde.

Assim, o *Século*, numa local que inseria no seu número de 6 do corrente e que lhe foi fornecida pelo seu correspondente em Leiria, imputava ao camarada Neves a soez insinuação de «legionário vermelho». Por aqui se vê o ódio torvo que a burguesia leiriense alimenta por José Agostinho Neves.

Ora, todos sabem que os indivíduos acusados de supostos «legionários» eram, e são, por toda a parte, perseguidos como feras, sendo-se forçados a omitirem o seu nome em toda a parte que se encontram a fim de evitarem ser vítimas do ódio policia.

Poder-se-há, então, acimar de «legionário vermelho» um homem que, como José Agostinho Neves, exerce a sua acção doutrinária e de propaganda à luz do dia e a vista de toda a gente?

Será lícito atribuir a um homem, como o que atrás apontamos, o labeo conspurcante de «legionário» quando o nome desse homem e o da localidade onde reside vêm constantemente firmados, nos jornais onde colabora?.. Haverá alguém que, sendo honesto, probo, sensato e que não seja faccioso, tenha a petulância que teve o mediocre e nescio correspondente do *Século* em Leiria ou o vil autor de semelhante monstruosidade?

Faustino BRETES

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada *El otro amor* de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Desastre com arma de fogo

Na Azambuja andavam ontem à caça vários indivíduos, entre eles um de nome Luis, ao qual accidentalmente se lhe disparou a espingarda, indo a carga atingir no rosto Joaquim Jacinto dos Santos, de 36 anos, comerciante, natural do Porto e residente na rua Actor Taborda, 21, 4.º, e Virgílio Godinho, de 26 anos, trabalhador, natural e residente em Foros da Fajarda (Coruche), que também ali andavam caçando, os quais em seguida vieram para Lisboa, onde foram pensados no Banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa.

DOIS ATROPELAMENTOS

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e foi para casa Cesar Augusto de Melo, de 34 anos, natural de Lisboa, carpinteiro, morador na calçada de Arroios, 20, que na rua de Belém foi atropelado pelo automóvel n.º 4697, ficando ferido na cabeça e rosto.

No Banco do hospital de S. José foi pensado e recolhido a casa António Machado das Vaquinhãs, de 53 anos, trabalhador, pádio do Marechal, que foi atropelado pelo automóvel S 8621, ficando ferido na perna e braço direitos.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Conselho Geral

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Preencher cargos vagos na comissão instaladora; Comissão revisora de contas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Manipuladores de Pão. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Fragateiros. — Pelas 19 horas, assembleia geral.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Conselho Federal — Pelas 21 horas, para apreciação do relatório do delegado da C. O. T. sobre os assuntos que se estão debatendo nesta.

Federação Mobiliária. — Pelas 21 horas, o conselho federal, para continuação de trabalhos.

S. U. C. Civil. — Secção dos Serventes — Pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa, com o tesoureiro.

Secção de Belém. — Pelas 21 horas, assembleia geral, para tratar de assuntos de interesse para a indústria.

Impressores Tipográficos. — Pelas 21 horas, a direcção.

Federação do Livro e do Jornal. — Pelas 21 horas, o conselho federal, para apreciar e resolver acerca da situação da C. O. T. e das deliberações tomadas em reunião das Federações, além de outros assuntos.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3800.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6800.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6800.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

NO DEPÓSITO DE FARDAMENTOS

O director afastado por sindicância continua dando ordens naquele estabelecimento do Estado

Recebemos a carta que passamos a reproduzir:

Sr. redactor do jornal «A Batalha». — Perdoe-me mais uma vez o tempo que lhe venho tomar e que V. certamente terá reservado a outro assunto, mas, não posso deixar de fazer mais algumas referências ao director do Depósito Central de Fardamentos, tenente-coronel sr. Alberto da Silveira Lemos.

Até que effim, que este senhor foi afastado da direcção do referido estabelecimento, embora já muito tarde tarde A este caso já V. fez referência no seu jornal de 4 do corrente.

Como V. dizia no seu jornal, o sr. Silveira Lemos foi instalado no «Mess» dos oficiais que fica muito vizinha do Depósito e dali dá as suas ordens e só se faz o que lhe determina.

Terminando por hoje, sr. redactor, dir-lhe-hei que o seu entrevistado pode confirmar os factos que venho apontando. Cria-me, etc., etc. — Um operário.



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Usar, desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Centrais dos outros países, para a ainda mutua, mútua, comum intelligenciação, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Por Archimio, Preço 1850.

Pedidos à administração de A Batalha.

com um esboço biográfico do autor. Preço 1850.

Por Rodolfo Kockler, Fugoso escritor e um dos maiores operadores da Alemanha, mem-

Organização Operária

LER E ASSINAR

«Os Mistérios do Povo»